

**NOTAS SOBRE O ITEM ENTÃO  
NAS CANTIGAS DE AMIGO GALEGO-PORTUGUESAS  
(SÉCULOS XII, XIII E XIV)**

*Maria Regina Pante* (UEM)

[mrpante@hotmail.com](mailto:mrpante@hotmail.com)

*Ana Cristina Jaeger Hintze* (UEM)

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho investiga as construções com o item *então*, nas *Cantigas de Amigo* galego-portuguesas, compostas nos séculos XII, XIII e XIV. Não houve possibilidade de classificação das produções de acordo com o século a que pertencem, visto que tais informações não são precisas e confiáveis. A esse respeito, Megale esclarece que

Ernesto Monaci descreveu as condições de variação e mudança da língua, com precisão tal que poderia fazer inveja a sociolinguistas de hoje (...) como estrangeiro, não se sente devidamente instrumentalizado para perceber as condições de produção das cantigas de mais de uma centena de autores de diferentes épocas, em diversas regiões, com as respectivas variações de linguagem (...) (2002: 119).

Esse item já foi por nós analisado em outros *corpora* de sincronias distintas<sup>18</sup>, o que nos levou a persegui-lo em sincronias anteriores àquelas, a fim de verificar se os resultados anteriormente encontrados também poderiam ser aplicados às *Cantigas*, composições que, dada a sua natureza, aproximam-se bastante da modalidade oral do período. Parte do referencial teórico acerca dos pressupostos funcionalistas, bem como da definição da classe dos advérbios, apresentada nessa pesquisa anterior, não se encontra neste trabalho, dada a limitação de espaço, mas encontra-se citada nas referências finais.

---

<sup>18</sup> A análise foi realizada nos *Autos de Gil Vicente* (XVI), no *Auto de Vicente Anes Joieira* (anônimo do século XVI), no *Auto das Regateiras de Lisboa* (anônimo do século XVII) e no *Auto da Compadecida* (XX). (Pante e Hintze, 2007, no prelo)

## DIACRONIA

### O ITEM *ENTÃO*

O item *então*, hoje classificado pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) como conjunção coordenativa conclusiva, também pode desempenhar função, por exemplo, de operador argumentativo, de advérbio juntivo, além de outras funções, a depender de seu contexto em que está inserido. Essa divergência se deve ao caráter multifuncional das conjunções e dos advérbios, os quais desempenham funções textual-discursivas diversas.

Estudos diacrônicos, aliados aos estudos sincrônicos, têm auxiliado na perspectiva de uma descrição mais densa, permitindo a compreensão dessas “mudanças” pelas quais passa um determinado item, evidenciando que nada desaparece ou é inteiramente novo; os elementos sofrem processos de adaptação às novas situações, sem que um uso preceda o outro no curso do tempo (Votre, 1999).

Segundo Paul (1886), as conjunções, historicamente, derivam de advérbios conjuncionais e de alguns pronomes que já serviam para ligar orações, fato também corroborado por Said Ali (s/d). Para Câmara Jr, após explanação acerca da origem das conjunções coordenativas, resume, em nota de rodapé: “geneticamente, a conjunção coordenativa é sempre um advérbio” (1985, p. 188).

Há, portanto, um descompasso entre o que prescreve a NGB e os estudos acerca das conjunções, principalmente quando há um retorno à história da língua, apontando para a sua origem adverbial.

Entre esses elementos de natureza e função discutíveis, assentase o item *então*, objeto de nossa pesquisa, Embora, em muitos casos, ele vincule, entre duas orações, uma conclusão, assim como ocorre com uma conjunção conclusiva, não é possível apontar para ele todos os traços prototípicos de sua classe, a das conjunções. Como se verá, em muitos casos, ele mescla traços das duas categorias: se, por um lado, conecta orações, função típica de conjunções, por outro apresenta mobilidade prototípica dos advérbios e pode co-ocorrer com outras conjunções, traço que o distancia das conjunções.

METODOLOGIA

Em pesquisa anterior já mencionada, apresentamos um levantamento das definições do item *então* em dicionários latinos e em gramáticas históricas de maior relevância. Em seguida, complementamos esse levantamento com dados de pesquisas mais recentes, incluindo os de língua falada. Às ocorrências registradas, aplicamos procedimentos metodológicos e chegamos a alguns resultados interessantes. A partir deles, optamos pela realização de novo levantamento com o mesmo item, mas em sincronias anteriores (XII, XIII, XIV).

Os procedimentos metodológicos adotados são os seguintes:

1. levantamento das ocorrências nas *Cantigas* (XII, XIII e XIV);
2. análise dos traços **mais prototípicos** do item *então*: [+ referência temporal passada]<sup>19</sup>, [+ mobilidade], [+ advérbio], [- advérbio juntivo], [- operador discursivo] e cotejo com os traços **menos prototípicos**: [+ referência temporal presente/futura], [+ posicionamento fixo], [+ advérbio juntivo], [+ conjunção], [+ operador discursivo]<sup>20</sup>.

A ordem dos traços não evidencia, obviamente, uma trajetória unidirecional, porque não é possível atestar que o item não fosse empregado como operador discursivo em sincronias anteriores e não há como atestar que esse traço [+ operador discursivo], por exemplo, tenha surgido, necessariamente, após o estágio de conjunção.

ANÁLISE DO CORPUS

Nos *Cantigas de Amigo* galego-portuguesas (séculos XII, XIII e XIV), encontram-se **72** ocorrências do item *então* sem a presença de variantes (*entam*, *entonces*, *entances*) encontradas em nossa pesquisa anterior. Dessas **72** ocorrências, analisamos **64**, visto que as demais eram

---

<sup>19</sup> Traço baseado na perspectiva histórica do item, ou seja, segundo a etimologia, o seu sentido básico é “naquela época”, “naquele momento”.

<sup>20</sup> O advérbio juntivo, segundo Neves (2000), pode funcionar como conector de frase ou de oração, sem, no entanto, atingir o estatuto de conjunção, devido a sua mobilidade. O operador discursivo, segundo Koch (1989), é o item empregado como encadeador de enunciados resultantes de atos de fala distintos.

## DIACRONIA

repetições encontradas nos refrãos das *Cantigas*, constituindo, portanto, ocorrências em contextos idênticos.

Para análise, considera-se que um item não apresenta, necessariamente, todos os traços mais prototípicos ou menos prototípicos, mas pode oscilar entre [ $\pm$  prototípicos]. Dessa forma, apresentamos, ao final da análise, um quadro geral do número de ocorrências, considerando os três séculos em conjunto, e os traços apresentados por essas ocorrências, partindo de uma maior prototipicidade para uma menor prototipicidade.

Como há exemplos de traços semelhantes, optamos por apresentar apenas alguns exemplos dessas ocorrências. Entretanto, como há exemplos que, mesmo apresentando traços idênticos, trazem uma estrutura diferenciada, optamos por registrá-las. É o caso, por exemplo, das construções com *des enton* (estrutura marcadamente temporal, expressando “desde aquele momento”, “dali em diante”, “daquele momento em diante”) e construções em que ocorrem dois itens adverbiais concomitantemente: *logo* e *enton* (exemplos logo abaixo). Os números romanos diante dos versos correspondem à numeração original, extraída de Nunes (1928-1929), e foram mantidos para facilitar a localização do item em futuras pesquisas.

### 1. Casos [+ prototípicos]: 18 ocorrências

**XCIII:** e foi coitado por mi dés **enton**  
[+ ref. temp. pass.], [+ mob.], [+ adv.]

**CXXVII:** e, pois que o eu vir, se mi non disser logu' **enton**: como pôd' aqesto fazer  
[+ ref. temp. pass.], [+ mob.], [+ adv.]

**CCXLI:** E ben se devia nembrar das juras que m' **enton** jurou  
[+ ref. temp. pass.], [+ mob.], [+ adv.]

### 2. Casos com 2 traços [+ prototípicos] e 1 traço [- prototípico]: 21 ocorrências

**III:** Tornou sanhuda **enton**, quando m'est'oíu dizer  
[+ ref. temp. pass.], [+ mob.], [+ adv. junt.]

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

**CLIV:** e defendi-lho eu e el **enton** tornou mui trist'e  
[+ ref. temp. pass.], [+ mob.], [+ adv. junt. de valor causal]

**CLXXI:** chorou tan muit'e tan de coração que chorei eu con doo  
d'el **enton**.  
[+ ref. temp. pass.], [+ mob.], [+ adv. junt. de valor consecutivo]

**CCCLXIVL:** e dixi-lh'eu **enton**:  
[+ ref. temp. pass.], [+ mob.], [+ oper. disc.]

**3. Casos com 1 traço [+ prototípico] e 2 traços [- prototípicos]: 13 ocorrências**

**LXXXVIII:** ide vee-lo, mia madr', e guarrá **enton**  
[+ ref. temp. fut.], [+ mob.], [+ adv. junt. de valor conclusivo]

**CXVI:** perguntou-m'e dixi-lh'eu **enton**  
[+ ref. temp. pres./fut.], [+ mob.], [+ adv. junt. de valor consecutivo]

**CCXXII:** tan gram ben mi quer, cuido logu'**enton** se mi quer ben  
[+ ref. temp. pres/fut.], [+ mob.], [+ adv. junt de valor consecutivo]

**CCCXXVIII:** perder-s'á el e perderei **enton** o corp'e vós, madr', o  
vosso por mi.  
[+ ref. temp. fut.], [+ mob.], [+ adv. junt. de valor consecutivo]

**CCCCXXV:** se s'el for, serei morta enton e el morto será, se me non vir  
[+ ref. temp. fut.], [+ mob.], [+ adv. junt. de valor causal]

**CXLVI:** chorando dos olhos, direi lh'**enton**:  
[+ ref. temp. fut.], [+ mob.], [+ oper. disc.]

**CLII:** quando fordes alongado, por Deus, que faredes **enton**?  
[+ ref. temp. fut.], [+ mob.], [+ oper. disc.]

**D:** e direi-lh'eu enton a coita do meu coração.  
[+ ref. temp. futura.], [+ mob.], [+ oper. disc.]

## DIACRONIA

### 4. Casos com 1 traço [+ prototípico] e 1 traço [- prototípico]: 11 ocorrências

**CX:** “Pastor, non dizedes nada, diz □ a d’elas **enton**  
[+ mob.], [+ oper. disc.]

**CLXIX:** e elas **enton** queimen candeas por nós e por si e nós, meni-  
nhas, bailaremos i.  
[+ mob.], [+ oper. disc.]

**CCCXXII:** se a crevestes **enton**, e que co[n]fonda min, se verdad’ é.  
[+ mob.], [+ oper. disc.]

**CCCXXIII:** (...) **Enton** ve[e]redes molher andar pós min  
[+ mob.], [+ adv. junt. de valor conclusivo]

**CCCXXV:** quitade ben o coração de min e ide-vos **enton**.  
[+ mob.], [+ adv. junt. de valor temporal]

#### Quadro<sup>21</sup> demonstrativo de traços [± prototípicos] (séculos XII, XIII E XIV)

Traços [+ prototípico]					
sincronias	pass		mob	adv	
XII, XIII, XIV	x		x	x	
Traços [- prototípico]					
sincronias	pr./fut.	pos. fixo	adv. junt.	conj.	op. disc.
XII, XIII, XIV	x		x		x

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados demonstram que o processo de gramaticalização do advérbio temporal *então* já vinha ocorrendo em sincronias anteriores. A presença do traço [+ mobilidade], em todas as ocorrências, em oposição à ausência do traço [+ posicionamento fixo], exclui, de forma automática, a inserção do item *então* na classe das conjunções, conclusão a que se chega quanto não é encontrado o traço [+ conjunção].

---

<sup>21</sup> Devido à formatação, o quadro foi dividido em dois; no entanto a sua leitura deve ser realizada na linha horizontal, em seqüência. Desse modo, nas sincronias analisadas, o item apresenta os seguintes traços: [+referência temporal passada], [+mobilidade], [+advérbio], [+referência temporal presente/futura], [+advérbio juntivo], [+operador discursivo].

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Essa constatação nos permite questionar ou, pelo menos, reanalisar a postura das descrições dos atuais compêndios de gramática, quando inserem o item *então* entre as conjunções conclusivas.

Por outro lado, o *corpus* analisado, por se aproximar da modalidade oral, atesta a coexistência de traços [ $\pm$  prototípicos], já permitindo o emprego desse item como operador discursivo. Essa coexistência, por conseguinte, não nos permite traçar limites estanques para estádios de gramaticalização.

Além disso, pode-se afirmar que o uso do operador discursivo não pertence ao estágio atual da língua, conforme os dados obtidos na análise das *Cantigas de Amigo*.

Este levantamento nas *Cantigas* vem complementar resultados já comprovados em outros *corpora*, conforme já mencionamos. Apesar disso, é importante ressaltar que esses dados são referentes aos *corpora* eleitos para análises por nós efetuadas. Isso significa que pesquisas posteriores podem revelar outros dados divergentes dos aqui apontados.

### REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. S. *Grammatica philosophica da língua portugueza*. Lisboa: Academia Real de Ciências, 1881.

BECHARA, E *Moderna gramática portuguesa*. 37<sup>a</sup> ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CÂMARA JR. J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

*Cantigas d'Amigo dos trovadores galego-portugueses*. Edição crítica, acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário por J. J. NUNES. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928-1929.

CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (orgs) *Linguística funcional: teoria e prática* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

*DICIONÁRIO UNESP do Português contemporâneo*. Organizador Francisco S. Borba e colaboradores – São Paulo: Unesp, 2004.

## DIACRONIA

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARTELOTTA, M. E.; ALCÂNTARA, F. Discursivização da partícula *né*? **In:** MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 277-291.

MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.

MEGALE, H. A presença dos dois períodos do português arcaico em um mesmo códice do século XV: A Demanda do Santo Graal. **In:** *Descrição do Português: lingüística histórica e historiografia lingüística*. Organizado por Gladis MASSINI-CAGLIARI *et al.* Araraquara: Unesp, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002. p. 119-140.

NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Clássica, 1945.

PEZATTI, E. G. As construções conclusivas no português falado. **In:** ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.), *Gramática do português falado – Vol. VII Novos estudos descritivos*. Campinas: Unicamp, 2002.

PAUL, H. *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966 [1886].

RISSO, M. S. O articulador discursivo ‘então’. **In** CASTILHO, A. T.; BASILIO, M. (orgs.). *Gramática do português falado – Vol I: A ordem*. Campinas: Unicamp, 1996.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 2ª ed., São Paulo, Melhoramentos, s.d.?.]

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

TORRINHA, F. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1986.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. **In:** TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins, 1991, vol 1.

VOTRE, S. J. *Cognitive verbs in Portuguese and Latin. Unidirectionality revisited*. Santa Bárbara: Universidade da Califórnia, 1999. (mimeogr.)